

Presidente do Citicorp prevê acordo da dívida até dezembro

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O presidente do Citicorp, John Reed, admitiu ontem em Brasília que a recente decisão tomada pela Interagency Country Exposure Review Committee (ICERC) — órgão do governo norte-americano —, determinando as instituições bancárias dos Estados Unidos a constituírem reservas no percentual de 20% do valor dos créditos que têm junto ao Brasil, trará para os bancos "consequências negativas a curto prazo".

A decisão, conforme colocou, "vai representar um problema para nós", confiando, no entanto, que a situação esteja resolvida pelo final do ano, quando imagina que o Brasil poderá ter chegado a um acordo final com os bancos credores.

Alguns bancos norte-americanos, apesar de terem provisionado recursos nos últimos anos para cobrir parte dos créditos com países latino-americanos, terão de aumentar suas reservas. Outros, com reservas suficientes, terão de escriturar à parte as coberturas obrigatórias especificando o devedor.

RETOMADA DAS NEGOCIAÇÕES

Junto com o vice-presidente internacional do Citibank, William Rhodes Reed passou ontem rapidamente pelo Brasil, vindo da Argentina, mas não perdeu a chance de sugerir à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, que acelerasse o processo de retomada de negociações com os bancos credores. Conforme contou a este jornal um interlocutor próximo à ministra, Reed chegou a propor que os entendimentos com os bancos fossem formalmente desenvolvidos em paralelo com as negociações que o Brasil pretende abrir com o Fundo Monetário Internacional



John Reed

(FMI), no final deste mês ou início do próximo.

Reed, que também esteve com o presidente Fernando Collor em conversa que demorou mais de uma hora, receia que uma maior demora na retomada das negociações com os bancos torne a situação dos credores ainda mais difícil, devido ao grande acúmulo de débitos em atraso.

O Citibank é o maior credor privado do Brasil, com uma posição atualizada em torno de US\$ 3,8 bilhões. A ministra Zélia Cardoso de Mello foi objetiva em sua resposta e disse a Reed simplesmente que o cronograma da renegociação externa estava traçado e que não seria modificado. O Brasil pretende primeiro acertar um entendimento com o FMI, antes de abrir as conversas com os credores do Clube de Paris e com os bancos credores.

A ministra também considerou otimista — disse isso de viva-voz ao presidente do Citicorp — a expectativa de que o Brasil tenha condições de fechar rapidamente um acordo com os bancos credores.

COMITIVA DO CITIBANK

Além de Rhodes, também fizeram parte da comitiva do Citibank em Brasília, o presidente do Citi-

bank do Brasil, Antonio Borrali, e ainda Robert MacComack, a pessoa encarregada pelo Citi de tratar da questão da dívida com o negociador brasileiro, embaixador Jorio Dauster. Também Alcides Amaral, outro executivo do Citibank no Brasil, esteve em Brasília. Reed disse depois da audiência que teve com o presidente Collor que veio trazer às autoridades brasileiras a impressão favorável que o País causa hoje no exterior.

Coincidentemente, a rápida viagem de Reed — ele voltou ontem mesmo a Nova York — abrangeu justamente os dois países contra os quais ocorreu a decisão do ICERC, já que, além do Brasil, houve determinação para que os bancos norte-americanos ampliassem de 40% para 60% as reservas específicas com relação aos créditos que tivessem contra a Argentina. O correspondente deste jornal em Buenos Aires, Paulo Totti, conta no entanto que a visita do presidente do Citicorp à Argentina estava agendada há pelo menos uma semana.

Em Brasília, Reed informou que as conversas em Buenos Aires envolveram

questões relacionadas à renegociação da dívida externa daquele país, sem ter especificado os pontos de discussão.

MAIOR CREDOR DA ARGENTINA

O Citibank também é o maior banco credor privado da Argentina e tem interesses específicos no programa de privatização daquele país. Mas também há preocupações quanto ao pagamento da dívida em atraso, que chega a US\$ 6 bilhões, desde abril do ano passado. O governo argentino dispôs-se a realizar pagamentos aos poucos: o Citibank queria que os pagamentos ficassem em torno de US\$ 100 milhões por mês, o que daria em nove meses US\$ 900 milhões. A Argentina, até agora, só pagou duas parcelas de US\$ 40 milhões cada, o que resultaria ao longo dos nove meses em US\$ 350 milhões.

No dia 31 deste mês, o presidente do Citicorp volta ao Brasil para comemorar no Rio de Janeiro e em São Paulo, com seus funcionários, os 75 anos de Citibank no Brasil. Deve ficar mais tempo no país, até o dia 3 de agosto, em contatos formais com o governo.